Segurança como na ficção científica

Tecnologias como a identificação pessoal por leitura da íris são cada vez mais usadas em prédios e empresas

Fonte: O Estado de São Paulo, São Paulo, 7 dez. 2004. Economia, p. B20.

MAURICIO BARBIERI/AE

BARREIRA – Algumas pessoas ainda consideram a leitura da íris um método invasivo

IDENTIFICAÇÃO

Sheila D´Amorim
Isabel Sobral
BRASÍLIA

Depois de câmeras de vigilância e travas ou portões eletrônicos, a busca pela segurança máxima apela agora para a tecnologia de ponta, que lembra cenas de filmes de ficção científica. Nos últimos dois anos, a técnica de identificar as pessoas por meio da leitura de digitais dos dedos, ou da face, e até da íris ocular, chamada biometria, tem sido cada vez mais usada no controle de acesso a prédios ou condomínios. O mercado das empresas que produzem e comercializam aparatos biométricos de segurança no País está em franca expansão – algumas projetam crescimento de até 60% em seu faturamento em 2005.

A maior preocupação com a segurança e a redução dos preços dos equipamentos que captam os padrões biométricos – cujos valores caíram em média 50% desde 2002 – são os principais motivos do incremento dos negócios. A empresa de informática Neokoros, com sede em Goiânia, teve um crescimento de cerca de 400% desde 2002, quando passou a apostar mais fichas na biometria de reconhecimento de impressões digitais, segundo seu diretor de Tecnologia, Marco César Chaul. De lá para cá, a empresa investiu cerca de R$ 1,5 milhão em pesquisas e desenvolvimento de softwares adaptáveis às necessidades dos clientes.

"Está sendo um excelente negócio, que nos permite projetar crescimento da ordem de 60% em 2005", afirma Chaul.

O sistema mais popular no mercado brasileiro é o reconhecimento de impressão digital. Uma máquina de leitura desse tipo, diz o diretor da Neokoros, custa hoje cerca de R$ 4 mil, mas chegava a R$ 10 mil em 2000. A segurança parece ser máxima: para se ter acesso físico a um prédio com esse dispositivo, deve-se colocar o dedo no leitor. O sistema busca num banco de dados os padrões, que foram previamente cadastrados, e faz o reconhecimento desta pessoa. Em muitos casos, associa-se essa técnica a uma senha ou matrícula que deve ser também digitada.

Custo dos equipamentos já registra uma queda acentuada

ÍRIS

A tecnologia biométrica mais avançada é o reconhecimento pela leitura da íris. No entanto, os custos dos equipamentos de captação dos padrões ainda são considerados muito altos e fora da realidade da renda brasileira. A Politec, localizada em Brasília, é uma das empresas que já se lançaram na comercialização dessa tecnologia e obtém seus maiores retornos com a venda de software para os Estados Unidos e alguns países da Europa.

Um programa da empresa foi desenvolvido especialmente para permissão de acesso ao prédio do FBI, a Polícia Federal americana, que usa a biometria da íris. "Acreditamos que a partir do ano que vem o Brasil deverá deslanchar nessa tecnologia", afirma Hélio Oliveira, diretor da Politec.

Além dos custos, outra controvérsia é atribuída a esse sistema: comportamento das pessoas. "A leitura da íris ainda é vista como algo invasivo, pois é difícil para muitas pessoas se sentirem confortáveis em ter de colocar o olho muito próximo de uma máquina", revela o presidente da empresa Dimep, Dimas Pimenta III, que desenvolve a aplicação da biometria de impressão digital em relógios de ponto que registram a freqüência dos funcionários no trabalho. A Dimep é uma empresa de São Paulo.

Para Marcelo Miguel, executivo da ESN do Brasil, outra companhia do ramo situada na capital paulista, a tendência é que todos os tipos de biometria se desenvolvam nos próximos anos. Ele sustenta que, fora o aspecto preço, não há uma forma de identificação melhor do que outra.

"O que deve ser levado em conta para a escolha é onde a biometria será aplicada", explica Miguel. "Para controlar acesso a locais com piscinas, por exemplo, possivelmente a leitura de impressão digital seja a menos apropriada porque a água influencia na textura da pele".

A ESN espera um faturamento perto de R$ 1,5 milhão este ano com a comercialização da tecnologia, e projeta pelo menos R$ 20 milhões a partir do ano que vem com a focalização em projetos para o setor bancário e para os planos de saúde.●

Bancos, escolas e condomínios já usam o sistema

MERCADO: Um dos segmentos empresariais que mais contribui para puxar os negócios com a biometria é o setor bancário. A ATP – empresa de serviços de processamentos de documentos para bancos, como a compensação de cheques – está adquirindo um sistema de leitura de impressão digital para controlar o acesso às suas dependências em Brasília. Além dos tradicionais sistemas de segurança, como câmeras e vigilantes espalhados por toda a parte, o diretor-executivo da ATP, Juarez Cançado, diz que ter a biometria será "muito útil". Para ele, isso até pode parecer invasão de privacidade, mas acredita que há uma disposição da sociedade em abrir mão de parte dessa privacidade em favor da segurança.

A implementação do sistema custará R$ 300 mil à ATP, e a previsão é que esteja operando em 90 dias. O desafio maior da empresa é aprovar um projeto que não interfira na arquitetura do prédio, que já ganhou vários prêmios por sua originalidade.

Apesar de ainda parecer muito restrita ao mundo corporativo, a biometria já é uma realidade também em universidades, condomínios residenciais e escolas. Para Cláudio Cender, diretor de Marketing e Tecnologia da SND, outra companhia paulista que comercializa a tecnologia, a tendência é cada vez mais o sistema se popularizar.

Anúncio

Anúncio